

## **Paisagem sonora contemporânea e implicações na educação musical**

*Ana Lúcia Iara Gaborim Moreira*  
*Universidade de São Paulo – ana.gaborim@usp.br*

*Antonio Deusany de Carvalho Júnior*  
*Universidade de São Paulo – dj@ime.usp.br*

**Resumo:** este artigo trata da importância dos estudos acerca da paisagem sonora – conceito estabelecido por Murray Schafer – para o atual trabalho de educação musical e apresenta os resultados de uma pesquisa sobre os sons e as músicas que fazem parte do cotidiano, visando a construção de uma possível paisagem sonora contemporânea brasileira. Nesse contexto, figuram as músicas que estão em evidência na mídia, conteúdo que faz parte da experiência que os alunos trazem para a sala de aula e que pode ser o ponto de partida para um trabalho de educação musical nas escolas.

**Palavras-chave:** educação musical, paisagem sonora, música da mídia

### **Contemporary soundscape and its implication on musical education**

**Abstract:** this paper treats on the importance of studies about the soundscape - concept established by Murray Schafer - for the current work on musical education and also shows some results of a research about people's everyday sound and music, aiming to construct a possible brazilian contemporary soundscape. In this context, it is included the highlighted music by the media, considering that it as a knowledge that comes with student's experiences brought to the classroom, and it can be the starting point for musical education at schools.

**Keywords:** musical education, soundscape, music from the media.

### **1. Introdução à paisagem sonora**

A partir de suas pesquisas como compositor e de sua experiência nas salas de aula como educador musical nas décadas de 1960-1970, o canadense Murray Schafer (1933) veio a estabelecer o conceito de **paisagem sonora**, que consiste no campo de estudo acústico, nos eventos **ouvidos** que podem mesmo afetar o comportamento e o estilo de vida de uma sociedade (2011a, p. 24-27). Nos últimos anos, temos percebido as mudanças dessa paisagem sonora no nosso ambiente e de maneira ainda mais acelerada a partir do século XXI, em decorrência do crescimento das cidades, dos avanços da tecnologia em diversas áreas e da incorporação de *MP3s*, *MP4s*, *IPods*, *tablets*, telefones celulares, e outros aparelhos sonoros eletrônicos no cotidiano, interferindo também no ambiente escolar. Podemos acrescentar ainda que “jogos eletrônicos, filmes, programas televisivos, vídeos e Internet passam a compor o nosso dia-a-dia, disseminando idéias, hábitos, juízos éticos e estéticos, conhecimentos os mais variados” (FONTE; LOUREIRO, 2003, p. 11).

Schafer, em seu livro “A afinação do mundo” (2011a), enfatiza a importância do ouvir consciente e propõe uma análise mais aprofundada dos sons, em busca de uma cultura

auditiva significativa, que constitui um dos objetos de estudo da educação musical contemporânea. Embora o livro tenha sido originalmente escrito em 1976, os escritos de Schafer podem ser aplicados em nossos dias e constituem o principal referencial teórico da pesquisa apresentada neste artigo.

## **2. A construção da paisagem sonora contemporânea**

Para tentar traçar uma possível paisagem sonora contemporânea brasileira, fez-se necessário considerar os novos meios tecnológicos que nos fornecem informações sobre o ambiente sonoro e permitem a comunicação de pessoas com variados perfis, conectadas em lugares diversos. Assim, disponibilizamos por meio da Internet um questionário *online*<sup>1</sup>, entre os meses de maio e junho de 2012, utilizando-se da tecnologia Google Docs e Google Spreadsheet. A divulgação deste questionário se deu através de contatos pessoais dos pesquisadores por *e-mails* (totalizando mais de 1.000 mensagens enviadas), permitindo o reenvio a outros contatos, além de publicação na Rede Social “*Facebook*”, de modo que se buscou uma maior diversidade de participantes em diversos lugares do Brasil.

A pesquisa de sons e música, dentro desse ambiente tecnológico e midiático que se apresenta no nosso cotidiano e que influencia também nossa comunicação, constitui um novo campo de investigação, pois, de acordo com Castanheira e Pereira (2011, p. 131),

são todos acontecimentos e experiências sensoriais novas, que participam diretamente das experiências de comunicação mediada tecnologicamente, possíveis graças à entrada das mídias digitais na cultura contemporânea. Contudo, boa parte de todo este novo conjunto de experiências que emergem ainda é desconhecida nos modos como afeta e participa das práticas comunicacionais e culturais contemporâneas.

Um dos principais intuítos desta pesquisa, portanto, foi compreender as implicações da atual paisagem sonora no trabalho de educação musical, procurando investigar o modo como as pessoas tem sido afetadas pelo ambiente acústico em que se inserem e como tem contribuído para a construção e manutenção dessa paisagem sonora. Assim, utilizamos um questionário padrão, com dez questões simples voltadas para três aspectos: sons e ruídos do ambiente - tais como são percebidos; cenário musical - em especial o que é oferecido pela mídia; algumas informações pessoais dos participantes, para que se pudesse traçar o perfil do público consultado. As questões que fizeram parte do questionário foram: 1)Quais são os SONS que você mais escuta no dia-a-dia?; 2)Onde você mais os escuta?; 3)Como os sons afetam a você?; 4)O que é RUÍDO para você (musicalmente, textualmente, no ambiente...)?;

5)Na sua opinião, qual é a música mais tocada na mídia atualmente?; 6)Como essa música afeta você e o seu dia-a-dia?; 7)Qual foi a música mais tocada na mídia no ano passado?; 8)Qual sua idade?; 9)Qual sua profissão?; 10)Onde você reside atualmente?

Ao todo, foram obtidas 250 respostas, abrangendo pessoas com e sem formação musical. Os principais participantes desta pesquisa foram professores (28%), músicos (13%) e estudantes (9%); além disso, houve colaboração de participantes de todas as regiões do país, residentes em diversos estados e até mesmo em outros países (Chile e Portugal), sendo a grande maioria residente em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraíba. Sendo assim, uma diversificada amostra da população brasileira deu sua opinião sobre a paisagem sonora ao seu redor, tendo em vista a restrição de divulgação do questionário para pessoas com um mínimo de instrução e com acesso à Internet.

Foram obtidas informações interessantes e peculiares sobre a paisagem sonora atual – que tem pontos em comum e pontos característicos de cada estado ou região brasileira -, principalmente pelo fato de que a maioria das pessoas que responderam ao questionário não tem formação musical. Essas informações serão apresentadas e discutidas a seguir, seguindo o pensamento de Schafer: “determinar o modo pelo qual os sons se afetam e se modificam (e a nós mesmos) em situação de campo (...) é o novo e importante tema com que se defronta o pesquisador da paisagem sonora” (SCHAFER, 2011a, p. 185).

### **3. O sons do cotidiano e a percepção musical**

Analisando as respostas do questionário, constatou-se que os sons humanos são os mais escutados (22,5%), seguidos por sons de ambientes urbanos (21%) e sons relacionados a tecnologias (14,3%). Já as referências à música e a instrumentos musicais tiveram um total de 12,8%, o que nos leva a pensar que a música faz parte do ambiente sonoro das pessoas pesquisadas, mas se encontra perceptível em um nível muito baixo ou inconsciente. Essa constatação também nos leva à seguinte questão: tendo em vista que hoje em dia existe música em quase todos os ambientes de nosso país, dos rurais aos urbanos, inclusive nos dispositivos tecnológicos, a música está realmente em segundo plano ou se tornou tão comum a ponto de ficar imperceptível? Seria um *moozak*, nas palavras de Schafer (2011a, p. 145), que significa “música para não ser ouvida”? Granja (2006, p. 68) explica que

a conseqüente transformação da música num bem de consumo e o seu uso constante como música ambiente relegaram a escuta musical atenta para segundo plano. A maior parte dessas músicas não é feita para ser ouvida com atenção, mas para gerar uma desconcentração mental. Ao invés de demandar a atenção do ouvinte, deixam

as pessoas livres para fazer outras coisas. (...) o problema não se encontra nas músicas ambiente em si, mas na sua imposição automática e constante sobre as pessoas. Não escolhemos o que ouvimos em muitas situações, o que nos leva a uma atitude passiva em relação à música. (GRANJA, 2006, p. 68)

Há, portanto, a necessidade de se ponderar sobre o nosso modo de escuta, considerando que nem sempre escutamos sons e músicas que escolhemos no ambiente em que nos encontramos. A questão em relação aos locais onde os sons são mais ouvidos traz ideias relevantes para esta questão: foram identificados quatro grupos de ambientes citados, sendo: residenciais (39.2%); urbanos (31.1%); locais de trabalho (22.9%); e locais de estudo, como escolas e faculdades, juntamente com ambientes sociais diversos – igrejas e bares, por exemplo (6.8%). Podemos analisar esse resultado como o reflexo do atual ambiente onde a maioria dos participantes da pesquisa se encontra na maior parte do tempo, nas grandes cidades. Nestes locais de intensa exposição sonora, a percepção da música tende a ser reduzida ou diferenciada devido às tarefas realizadas, de forma que muitas vezes a música fica em segundo plano, ou ainda, é utilizada em associação à imagem, privilegiando o campo visual em relação ao auditivo – como acontece no caso da televisão, uma das palavras mais citadas em toda a pesquisa. Essa associação música-imagem tem se tornado uma prática comum, dada a valorização à imagem em nossos dias, conforme afirmam Fonte e Loureiro:

é comum ouvir dizer que estamos não só na era da informação, mas também na civilização da imagem. Isso tem sido revelado pela crescente proliferação dos meios imagético-eletrônicos e dos sistemas computadorizados que vêm ocupando parte significativa das relações sociais na sociedade contemporânea (2011, p. 39).

Campos (2005, p. 76) também afirma que a alta exposição às imagens e a associação que elas se dão com a música tem confundido os sentidos dos ouvintes. Segundo a autora, “o excesso de estímulos acaba por conduzir à passividade e quase a uma paralisação das expressões. O acentuado ‘estímulo emotivo’ resulta em uma suplementação da emoção sobre a reflexão, afetando as formas de percepção e expressão musicais”.

Interessante é observar que, como o questionário ofereceu a possibilidade de livre expressão dos participantes, houve muitos tipos de manifestações e comentários de repulsa, com relação ao modo como os sons afetam o dia-a-dia: “*sinto que sou envolvida por um turbilhão barulhento que não me deixa em paz.*” (professora, 54, Campo Grande/MS); “*incômodo profundo*” (professor, 36, Maringá/PR); “*alto poder de desconcentração*” (estudante, 18, João Pessoa/PB).

Por outro lado, algumas respostas demonstraram que as pessoas não atentam aos efeitos do som em suas rotinas: “*esses sons me fazem pensar que nós não paramos para pensar*” (corretor de imóveis, 51, Itanhaém/SP); “*penso que prefiro o silêncio. Em geral [os sons] já estão incorporados ao dia a dia e nem percebo*” (professora aposentada, 61, Poços de Caldas/MG). Uma representação gráfica da computação das respostas com relação à questão sobre o efeito dos sons no dia-a-dia pode ser vista na Figura 1.

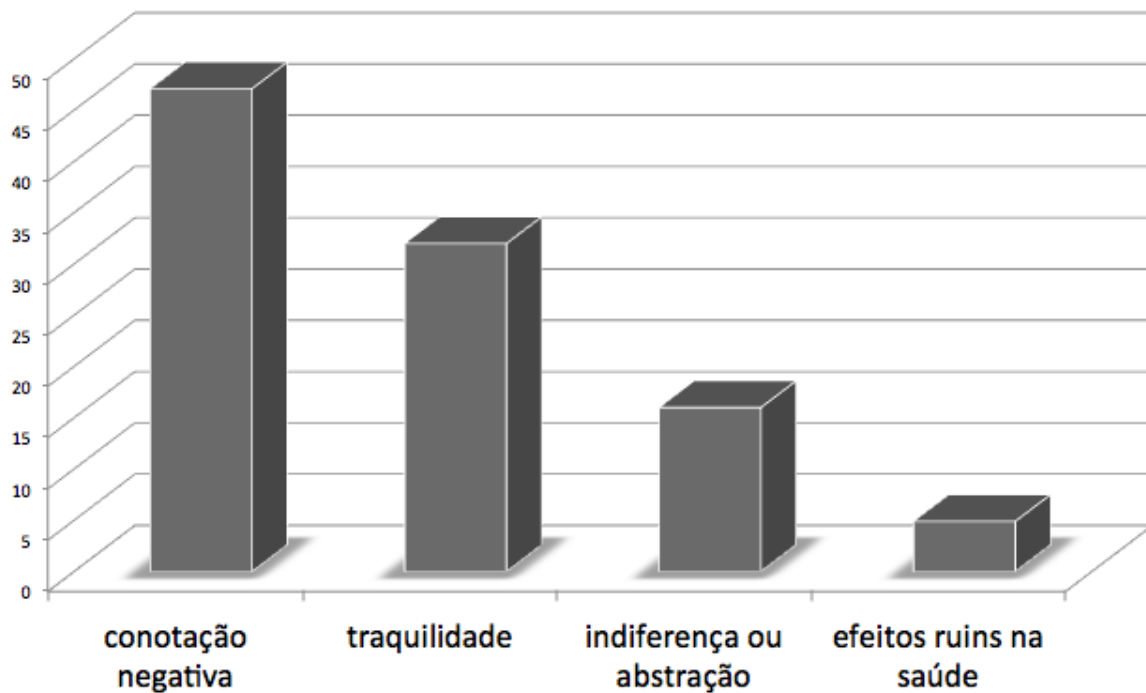


Figura 1. Resultados da terceira questão do questionário: "como os sons afetam a você?"

Ao analisarmos a segunda e a terceira questões, notamos nas respostas dos participantes que os sons que transmitem tranquilidade, ou seja, sensações positivas, estiveram geralmente associados aos sons ouvidos nos ambientes residenciais e nos ambientes não-urbanos, isto é, locais de repouso ou lazer, que, naturalmente, trazem ao indivíduo uma sensação de bem-estar.

No caso da questão sobre ruído, os participantes ficaram confusos, devido ao fato da palavra ser utilizada em diversas áreas e ser algo dependente de contexto. A diversidade de opiniões sobre o que é o ruído traz à tona que som, ruído ou música não apresentam conceitos bem definidos na sociedade, nem para distingui-los, nem para tratá-los de forma lacônica, o que pode vir de uma deficiência na educação ou falta de reflexão sobre tal questão. Schafer não estabelece uma definição precisa sobre o ruído, mas apresenta algumas afirmações que puderam ser encontradas de forma semelhante nesta pesquisa e que podem servir de embasamento para discussões no âmbito da educação musical, no sentido de conscientizar

sobre a poluição sonora que se apresenta no cotidiano: “ruído é o som indesejável, (...) não há outro meio de defini-lo (...). É qualquer som que interfere (...). Para o homem sensível aos sons, o mundo está repleto de ruídos” (2011b, p.56).

#### 4. A música da mídia

Considerando a influência da música da mídia na atualidade como um elemento que constitui a experiência musical que os alunos trazem para a escola - e que pode ser considerado um ponto de partida nas reflexões sobre música e na elaboração de conceitos musicais -, o questionário trouxe duas questões que procuravam verificar o quanto as “canções da mídia”<sup>2</sup> - ou música de consumo, ou ainda, música de mercado - sobrevivem na mente do público em geral, para o qual ela é direcionada.

No questionário, a maioria das respostas para a música mais ouvida em 2011 e em 2012 foi "não sei" ou “não me lembro” – o que vem demonstrar o quanto a música da mídia pode ser considerada como “comercial”, preparada para consumo imediato e convertida em shows, CDs e DVDs. Devido às suas letras repetitivas, ritmo constante e conteúdo textual extremamente simples, bem como a linha melódica, são aprendidas e reproduzidas facilmente, e seus intérpretes, levados rapidamente à fama. Seren nos vem confirmar que:

as músicas para o consumo, isto é, as canções desprovidas de intenção de arte, utilizam fórmulas muito precisas para enfatizar esses efeitos como, por exemplo, o uso de refrãos insistentes que visam ao fenômeno do “cantar junto”, muito comum nas músicas mais tocadas nas rádios. (...) A música de consumo apresenta ao ouvinte não só um conjugado sonoro, mas também um intérprete na forma de ídolo, uma divindade performática. (SEREN, 2011, p.122)

Verificamos também essa tendência com relação à exposição contínua e excessiva das músicas que tocaram no rádio e na TV e que foram mais citadas na pesquisa. Nos dois anos, músicas cantadas por Michel Teló (em especial, “Ai, se eu te pego”) ficaram com 24% de ocorrência em 2011 e 20.8% em 2012. Na sequência, houve uma variação entre os anos, com Luan Santana alcançando 11% das ocorrências em relação ao ano de 2011 e João Lucas e Marcelo chegando aos 20.5% de citações em 2012. Outros cantores de estilos variados apareceram na lista, mas sem tantas ocorrências, de modo que foram agrupados todos os restantes num total de 19.3% em 2011 e 8.9% em 2012. Em entrevista aos autores deste trabalho<sup>3</sup>, o próprio Michel Teló afirma, a respeito do sucesso de “Ai, se eu te pego”, que “*o ritmo dela, o ritmo brasileiro, é muito gostoso de dançar; é uma música de letra extremamente simples, fácil; a linha melódica dela é simples, é gostosa*”. E, confirmando a

tendência da associação música-imagem, declara: “*acho que a coreografia [amplamente divulgada pelos jogadores de futebol] também ajudou muito*”.

Especificamente em relação à música mais tocada no ano de 2012, foi questionado aos participantes como ela afeta o seu dia-a-dia. Agrupando as respostas em três padrões, foram identificadas citações negativas sobre a música, com referência a palavras como: irrita, enjoa, revolta, transtorna e frustra. Houve comentários neutros, insinuando indiferença, ignorar ou vê-la passar despercebida. E também encontramos comentários positivos relacionados ao fato de a música trazer lembranças boas, estar associada a um sentimento agradável, descontrair e fazer parte do gosto musical das pessoas. Uma representação gráfica das categorias de respostas é apresentada na Figura 2 para se ter uma melhor visualização das proporcionalidades.

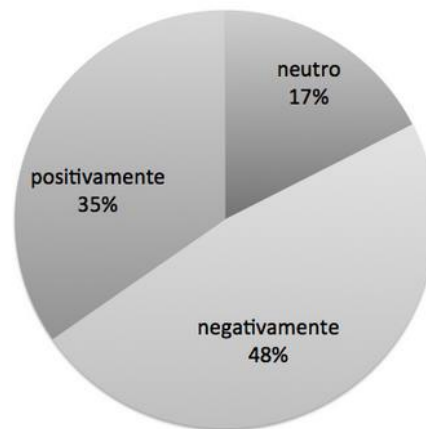


Figura 2. Respostas da questão 6 do questionário: "como essa música afeta você e seu dia-a-dia?"

As respostas encontradas, portanto, vieram confirmar o fato de que muitas pessoas se sentem afetadas pela música da mídia, no entanto, não se interessam por ela ou a rechaçam. Consideremos ainda que algumas pessoas, ao declarar que a música da mídia as afeta positivamente, não estão se referindo às músicas mais apontadas nas respostas (Michel Telo, Luan Santana, João Lucas e Marcelo) e que tem sido constantemente divulgadas nas rádios e apresentadas nos programas de TV, mas estavam associando suas boas lembranças às músicas que já figuram nas “paradas de sucesso” há muitos anos e que ainda são tocadas na mídia (por exemplo, as de Roberto Carlos).

## 5. Paisagem sonora e educação musical

Entre os participantes da pesquisa, encontramos muitos professores e estudantes, sujeitos principais do contexto escolar. A proposta de colaborar com o desenvolvimento da pesquisa em questão levou os participantes a refletirem sobre sua concepção de escuta e sobre a influência de sons e músicas no seu cotidiano. Estas reflexões se inserem no campo da educação musical atual, dentro do propósito de despertar a consciência sonora.

Pensando a educação musical em diversos níveis e contextos, é comum a utilização de atividades lúdicas cujo conteúdo parte dos sons e seus parâmetros (altura, duração, intensidade e timbre), num trabalho inicial de musicalização. Segundo Fonterrada, “pode-se dizer, então, que o estudo da música se inicia pelo estudo do som” (2004, p. 59). Este pode ser o primeiro passo para o desenvolvimento da percepção musical, de uma escuta atenta e consciente, e, conseqüentemente, de uma apreciação musical crítica. Além disso, é importante trabalhar com um material conhecido e acessível. Schafer afirma:

é óbvio que não se pode reunir sempre uma orquestra sinfônica numa sala de aula para sentir as sensações desejadas; precisamos contar com o que está disponível. Os sons produzidos podem ser sem refinamento, forma ou graça, mas eles são nossos. É feito um contato real com o som musical, e isso é mais vital para nós do que o mais perfeito e completo programa de audição que se possa imaginar (2011b, p. 68).

O trabalho com os sons e músicas do cotidiano tornam a experiência educacional ainda mais significativa, pois parte da vivência dos alunos. Temos constatado que a música mais ouvida pelas crianças e jovens, principalmente fora do ambiente escolar, é justamente aquela que a mídia lhes oferece (e que, no caso da nossa pesquisa, figura entre os primeiros lugares das músicas mais tocadas). Souza afirma que o cotidiano, com seus acontecimentos e objetivos,

é requisito para toda espécie de experiência estética e sobretudo porque nele encontramos as situações, ações e objetivos, nos quais nossa relação com outras pessoas poderá se estabelecer. (...) Na realidade cotidiana das crianças e jovens, estaria a chance para a realização de um trabalho sociopedagógico, com propostas de atividades musicais que não transmitissem somente conhecimentos isolados sobre métodos pedagógicos e repertório desvinculado da prática. Ao contrário, aqui estariam as chances para o professor saber mais sobre a real experiência estética (e musical) do aluno e sua posição perante a ela. (2000, p.38-39)

Além disso, o estudo nessa perspectiva nos traz informações relevantes a respeito de todo o contexto social em que vivemos, segundo Schafer: “o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que o produzem e nos contar muita coisa a respeito das tendências e da evolução dessa sociedade” (2011b, p. 23). Negligenciar a paisagem sonora na educação musical, portanto, é como deixar de lado as



condições sociais na educação escolar, o que resulta na abstração da realidade em prol do foco apenas no método de ensino ou em um único tipo de repertório musical, o que corrobora com as ideias de Paro com relação à educação escolar:

não há dúvida de que, sem a compreensão de categorias referentes às determinações mais amplas da vida na sociedade, não é possível entender o que se passa em qualquer recorte específico da realidade humano-social. Porém, quando se trata de oferecer suporte teórico para a compreensão de uma realidade específica, no caso a educação escolar, o que não se pode é permitir que a legítima preocupação com elementos e generalizações de ordem sociológica, econômica, política e cultural mais abrangentes, leve a uma negligência precisamente da realidade concreta que se quer elucidar (PARO, 2001, p. 123).

## **6. Algumas considerações**

Diante dos fatos aqui apresentados, consideramos que a paisagem sonora provê indubitável importância na educação musical, mostrando implicações diversas que podem afetar no aprendizado ou no interesse pelo que está sendo lecionado. É necessário, de certa forma, parar um instante para “observar” a paisagem sonora tanto do ambiente escolar quanto do cotidiano dos alunos, o que pode ajudar a “abrir os ouvidos” para algo que já estava presente, porém tornara-se tão comum que perdera importância com o tempo. Não se trata, portanto, de ignorar os sons que estão à nossa volta, mas de uma reeducação dos ouvidos, algo que só pode se tornar concreto à medida que tivermos concretizada a educação musical nas escolas brasileiras.

A atenção ao que é de fácil execução e assimilação tornou-se algo intrínseco à cultura e esse fator afeta a educação musical, principalmente por não estimular percepções mais efetivas e detalhadas, que poderiam levar os alunos a adquirir um ouvido pensante, com fins de apreensão e compreensão. Nesse sentido, podemos afirmar que é praticamente inevitável ignorar a música da mídia no trabalho de educação musical; é possível, portanto, utilizar essa música como ponto de partida para o conhecimento de outros tipos de música, isto é, para a ampliação do repertório a ser conhecido. Se a mídia já apresenta uma música que é naturalmente aprendida e que se torna significativa para os alunos, não cabe ao educador musical acomodar-se e simplesmente reproduzir esse repertório, mas ampliar os horizontes musicais e fornecer ferramentas de análise e reflexão.

A realização desta pesquisa, além de revelar o interesse de um público leigo nas reflexões sobre o tema, com certeza, pôde contribuir para mostrar a necessidade dessa educação dos ouvidos, a partir do momento em que conscientizamos o grande público da importância da educação musical no Brasil.

**Referências:**

- CAMPOS, Nilceia Protásio. *Luz, câmera, ação e... música!:* os efeitos do espetáculo nas práticas musicais escolares. In: Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 13, p.75-82, set. 2005.
- CASTANHEIRA, J. C; PEREIRA, V.A. *Mais grave! Como as tecnologias midiáticas afetam as sensorialidades auditivas e os códigos sonoros contemporâneos.* In: Revista Contracampo no. 23, p.130-143. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011.
- FONTE, Sandra.S.D.; LOUREIRO, Robson. *Indústria cultural e educação em tempos “pós-modernos”.* Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FONTE, Marisa T. O. *Música e meio ambiente: ecologia sonora.* São Paulo: Ed. Irmãos Vitale, 2004.
- GRANJA, Carlos E.S.Campos. *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação.* São Paulo: Escrituras Editora, 2006.
- PARO, Vitor H. *Políticas educacionais: considerações sobre o discurso genérico e a abstração da realidade.* In: PARO, Vitor H. *Escritos sobre educação.* São Paulo: Xamã, 2001.
- SCHAFER, Raymond M. *A afinação do mundo.* 2.ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011a.
- SCHAFER, Raymond M. *O ouvido pensante.* 2.ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011b.
- SEREN, Lucas. *Gosto, música e juventude.* São Paulo: Annablume, 2011.
- SOUZA, Jusamara (org.). *Música, cotidiano e educação.* Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- VALENTE, Heloísa. A. D. *Música é informação!* - Música e mídia a partir de alguns conceitos de Paul Zumthor. V Congresso da Seção Latino-Americana da IASPM-LA, 2004.

---

<sup>1</sup> O questionário ainda se encontra disponível para consulta, no endereço: <http://bit.ly/PesquisaMusical>

<sup>2</sup> O conceito de “canção da mídia” resulta da cultura na qual ela está inserida, e se refere às canções compostas com o objetivo de serem gravadas em disco e reproduzidas no rádio (VALENTE, 2004, p.1-2)

<sup>3</sup> A entrevista de Michel Teló foi publicada no CD Rom “**Música e cultura das mídias: apontamentos e exercícios de clariaudiência III**”, organizado pela Profa. Dra. Heloísa Valente. Osasco (SP): Da Vinci Editora, 2012. ISBN 978-85-60763030.